

GÊNEROS ORAIS: ELEMENTOS LINGÜÍSTICOS E NÃO-LINGÜÍSTICOS

Luzia BUENO¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir os elementos constituintes dos gêneros orais (elementos lingüísticos e não – lingüísticos) e a necessidade de se trabalhá-los, por meio de intervenções didáticas, para que o aluno domine efetivamente esses gêneros. Para isso, apresentaremos uma análise e posterior aplicação didática que fizemos do gênero oral seminário, que é tanto usado em nossas escolas e universidades como instrumento para avaliação, mas pouco assumido como unidade de ensino enquanto um gênero a ser aprendido. Apesar das recomendações de que se assumam os gêneros orais como objetos de ensino de Língua Portuguesa, eles pouco aparecem nos materiais didáticos e nas aulas de muitos professores dessa forma, o que gera conseqüências para os alunos que são convidados a darem seminários, mas não sabem como se portar ou como falar nesse gênero. Em nossa análise, apoiamos-nos no Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 1999, 2008) e nas propostas didáticas de Dolz & Schneuwly (1998) e Schneuwly & Dolz (2004). Os resultados de nossa análise e posterior intervenção didática nos mostraram que os alunos, após o conhecimento do gênero e dos seus elementos, apresentaram seminários com muito mais qualidade.

PALAVRAS-CHAVE: gênero oral; seminário; elementos lingüísticos e não-lingüísticos; interacionismo sociodiscursivo

Introdução

O seminário vem sendo usado desde a educação básica como um dos instrumentos de avaliação dos alunos. Para isso, geralmente, o professor define o tema e até fornece os textos cujo conteúdo deverá ser tratado no seminário, além de determinar também a data e a duração dos seminários de cada grupo.

Todavia, como o seminário em si, enquanto um gênero textual, não é tomado como um instrumento a ser ensinado, o resultado das apresentações dos alunos nem sempre satisfaz a eles e ao professor. Afinal, como não dominam o gênero, é comum

¹ Luzia Bueno é professora da Universidade São Francisco (USF), atuando no Programa de Mestrado em Educação e nos cursos de Letras e Pedagogia. Endereço: Rua Alexandre Rodrigues Barbosa, 45 - CEP 13251-900, Itatiba – SP, Brasil. Email: luzia_bueno@uol.com.br

os alunos em uma situação de seminário irem para a parte da frente da sala de aula, ficarem parados diante dos colegas sem saberem como falar, como gesticular, como se posicionar, como olhar para as pessoas, etc. E como apresentam dificuldades para organizar previamente a apresentação, o conteúdo e a discussão que trazem dos textos sugeridos pelo professor fica também a desejar. Dessa forma, a prática do seminário tem causado frustrações tanto no aluno quanto em seus professores.

Essa realidade não é vivida somente na educação básica; no ensino superior, também nos deparamos com esse problema em relação às frustrações com o trabalho com o seminário. Devido a isso, decidimos, em parceria com a instrutora do curso de Letras (professora responsável por ajudar os alunos a elaborarem e a revisarem os textos científicos que deviam produzir), elaborar oficinas que ajudassem os alunos de uma universidade particular do interior de São Paulo a dominar esse gênero oral (Bueno & Abreu, 2008).

Nesse momento, já trabalhávamos com a perspectiva do interacionismo sociodiscursivo (ISD) de Jean-Paul Bronckart (1997, 2004) e com as propostas didáticas de Joaquim Dolz e Bernard Schneuwly (1998, 2004), que postulam a necessidade de que se elabore um modelo didático do gênero (levantamento de suas características para encontrarmos as suas dimensões ensináveis) para depois produzir uma seqüência didática (procedimento didático que consiste em um conjunto de atividades que levem o aluno a dominar um dado gênero).

Assim, partimos para a análise desse gênero oral, cujos resultados serão apresentados neste artigo, que se encontra organizado em quatro seções. Na primeira, apresentaremos o ISD e as propostas didáticas de ensino de gêneros; na segunda, os procedimentos de análise do gênero oral seminário; na terceira, o gênero oral

seminário e suas dimensões ensináveis; finalizando, na quarta seção, com nossas considerações finais.

O Interacionismo sociodiscursivo (ISD) e as propostas didáticas para o ensino de gênero

Assumimos nesse artigo os pressupostos teóricos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), conforme Bronckart (1999, 2008) e das propostas didáticas de Dolz & Schneuwly (1998, 2004), todos professores do departamento de didática da faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Genebra.

Para Bronckart (1999, 2008), em nossas interações, sempre produzimos textos que são exemplares dos gêneros textuais, já elaborados pelas gerações anteriores ou contemporâneas às nossas. Assim, estamos sempre a adotar um gênero textual e a adaptá-lo às nossas finalidades em cada situação de interação verbal da qual participamos. Para isso, recorremos a um conjunto de representações que temos sobre a situação de produção de um texto, sobre a sua organização textual e sobre a sua linguagem, mobilizando um conjunto de conhecimentos descritos sobre:

- a) a situação de produção de um texto deste gênero, ou seja, qual o seu contexto físico (lugar de produção, o momento de produção, o emissor, a modalidade possível - oral ou escrita -, o receptor do texto) e qual o seu contexto sócio-subjetivo, ou seja, qual o lugar social de produção (escola, família, igreja, imprensa, etc), qual a posição social do emissor / enunciador na interação que se dará via texto de tal gênero (pai, professor, presidente, operário, etc), qual a posição social do receptor / destinatário nessa interação (aluno, professor, patrão, presidente, etc), e qual o objetivo (ou objetivos) dessa interação;

b) a organização textual, ou seja, o layout, o conteúdo temático, os tipos de discurso, os tipos de seqüência (narrativa, argumentativa etc) e suas articulações no interior de um texto desse gênero, formando a sua infraestrutura textual;

c) a linguagem, ou seja, os aspectos lingüísticos discursivos, nos quais encontramos os mecanismos de textualização (coesão verbal, coesão nominal e conexão) e os mecanismos de enunciação (modalização e vozes).

No caso dos gêneros orais, é preciso considerar também os meios não-lingüísticos a que se recorre na produção dos textos. São eles:

- meios paralingüísticos: qualidade da voz, melodia, ritmo, risos, sussurros, respiração, etc;

- meios cinésicos: postura física, movimentos de braços ou pernas, gestos, olhares, mímicas faciais, etc;

- posição dos locutores: ocupação de lugares, espaço pessoal, distâncias, contato físico, etc.;

- aspecto exterior: roupas, disfarces, penteado, óculos, limpeza, etc;

- disposição dos lugares: lugares, disposição, iluminação, disposição das cadeiras, ordem, ventilação, decoração; etc.

Dessa forma, um ensino de língua deve corresponder a um ensino de gêneros textuais, contemplando esses conhecimentos descritos acima, já que, desse modo, possibilitaremos aos nossos alunos saberem agir nas diversas situações de comunicação das quais participam, seja na escola, seja no mundo fora dela.

Para fazer esse trabalho didático com os gêneros textuais, Dolz & Schneuwly (1998) e Schneuwly & Dolz (1998) propõem que se organize, primeiramente, um modelo didático do gênero, ou seja, um levantamento de suas características a fim de chegar às suas dimensões ensináveis. Para isso, é preciso verificar como são os exemplares desse gênero, o que dizem os seus produtores sobre ele e o que os

especialistas também já levantaram: do confronto e/ou da complementação desses diferentes saberes, podemos chegar a um conjunto de características que deverão ser trabalhadas para que os alunos dominem o gênero. Feito esse modelo didático, faz-se necessário preparar uma seqüência, isto é, um conjunto de atividades que levem os alunos a dominarem esse gênero, partindo da verificação dos seus conhecimentos prévios sobre o gênero, passando por atividades que os levem a conhecer a situação de produção, a organização textual, os aspectos lingüísticos, os meios não lingüísticos (no caso dos gêneros orais) e finalizando com uma produção final, na qual possamos ver o quanto os alunos se desenvolveram com a ajuda da seqüência didática. Esse trabalho leva os alunos a desenvolverem as capacidades de linguagem que lhes permitirão agir por meio da linguagem nas variadas situações de comunicação de que participarem.

Segundo Dolz & Schneuwly (1998), podemos falar de três capacidades de linguagem que se encontram integradas e só serão separadas por uma questão didática: a capacidade de ação, a capacidade discursiva e a capacidade lingüístico-discursiva.

A capacidade de ação permitiria a adaptação da produção às restrições impostas pela situação de comunicação, implicando a mobilização de três tipos de representações: sobre o meio físico onde se realiza a ação, sobre o tipo de interação comunicativa (estatuto social dos participantes — papéis do enunciador e do destinatário—, instituição social — academia, imprensa, publicidade, ciência, etc — em que o texto é produzido e objetivos da interação) e sobre os conhecimentos de mundo que podem ser mobilizados na produção de um texto como seus conteúdos.

A capacidade discursiva é aquela que permite gerenciar a infraestrutura textual, isto é, a seleção que se faz de uma variante discursiva (ou várias), de uma forma de seqüenciamento textual, de um conteúdo e da elaboração deste conteúdo na construção de um texto de um dado gênero textual.

E a capacidade lingüístico-discursiva “envolveria as operações de uso de recursos lingüísticos que permitem, de um lado, explicitar as grandes articulações hierárquicas, lógicas e/ou temporais do texto [operações de textualização], tendo em vista o destinatário, e de outro, esclarecer as responsabilidades enunciativas e as avaliações que o enunciador efetua sobre os conteúdos [gerenciamento de vozes e expressão de modalizações]” (Machado, 2002, p. 2).

Foram esses pressupostos que subsidiaram a nossa análise do gênero oral seminário, a qual passamos a apresentar nas duas seções seguintes.

Os procedimentos de análise do gênero oral seminário

Para efetuarmos a nossa análise do gênero oral seminário e levantarmos as suas características, primeiramente, procuramos verificar o que era dito sobre os seminários em manuais de metodologia do trabalho científico, mas ficamos surpresos ante o silêncio que se faz sobre esse gênero e a ausência de materiais que sequer abrangessem esse assunto. Logo, buscamos artigos, teses e mesmo seções de livros didáticos em que esse gênero fosse apresentado, mas notamos que há pouca produção sobre o mesmo e, quando se encontra algo, a abordagem é sempre muito parcial, enfatizando, ora a organização dos grupos, ora o modo de ler o texto-base do seminário. Dessa forma, esses textos não nos pareceram suficientes para fundamentar as nossas oficinas sobre o seminário.

Simultaneamente a essa busca de referências teóricas, procuramos também exemplares do gênero oral seminário, mas constatamos a ausência de registros desse gênero, apesar de sabermos que ele ocorre com muita frequência nas salas de aula da

universidade ou mesmo da escola. Assim, como já ocorreu com Dolz, Schneuwly & de Pietro (2004), quando não conseguiram encontrar um exemplar do gênero debate público regrado para ser apresentado aos seus alunos e, dessa maneira, tiveram que “criar” um exemplar próximo daquilo que queriam ensinar a seus alunos, fomos obrigadas também a “criar” o nosso modelo.

Partimos, então, de nossas experiências como professoras e dos relatos dos sucessos, bem como dos fracassos, vivenciados por nossos colegas a fim de construirmos um modelo do gênero oral seminário. Recorremos ainda a uma análise da exposição oral feita em Schneuwly e Dolz (2004). O primeiro ponto que nos chamou a atenção foi o fato de que nós e nossos colegas, normalmente, partíamos do pressuposto de que nossos alunos já conheciam bem o gênero e, portanto, não era necessário discutir o contexto de produção, a organização textual ou a linguagem. As únicas recomendações dadas aos alunos referiam-se ao tempo permitido para a apresentação do seminário e a necessidade ou não de se utilizar recursos audiovisuais, já que todos nós tínhamos algumas representações sobre esses níveis do gênero e contávamos com o fato de que os alunos também as possuísem.

Decidimos, assim, começar por explicitar essas representações e verificarmos o que teóricos como Dolz & Schneuwly e os manuais de trabalho científico apresentavam como características do seminário para que construíssemos um modelo didático desse gênero, que apresentaremos na próxima seção.

O gênero oral seminário e suas dimensões ensináveis

Confrontando as nossas representações, a análise de Schneuwly e Dolz, as recomendações dos manuais, chegamos à seguinte conclusão: o seminário é um gênero oral bastante complexo na medida em que demanda, para ser bem realizado, não só domínio do meios lingüísticos que lhe são subjacentes, mas também de meios não-lingüísticos, além de precisar de que se trabalhe com o gênero textual escrito, por nós denominada, de apresentação em slides / transparência.

No nível do contexto de produção, assim como na exposição oral, constatamos que os alunos precisarão assumir-se como especialistas frente a destinatários que não conhecem o tema a ser tratado, com o objetivo de levá-los a compreender esse conteúdo, na esfera social da instituição escolar.

No nível da infraestrutura textual, o seminário apresenta as mesmas fases que a exposição apresentada por Dolz, Schneuwly, de Pietro, Zahand (2004), a saber:

- fase de abertura: na qual o primeiro apresentador saúda o público;
- fase de introdução ao tema do seminário;
- fase de apresentação do plano do seminário e dos integrantes do grupo;
- fase de desenvolvimento e encadeamento dos diferentes subtemas tratados por cada um dos participantes;
- fase de recapitulação e síntese do que foi apresentado pelo grupo;
- fase da conclusão e/ou abertura para questões e/ou debate ;
- fase do encerramento do seminário: em que se agradece o público.

Nesse nível, haverá momentos de implicação dos integrantes do grupo e outros em que ocorrerá a impessoalização do discurso, além da recorrência a seqüências explicativas, descritivas, e às outras formas de planificação como as esquematizações e os scripts (relatos).

No nível dos mecanismos de textualização e enunciativos, é preciso trabalhar com os alunos as formas lingüísticas relativas a como:

- fazer a saudação da abertura e os agradecimentos finais;
- introduzir os integrantes do grupo;
- ligar as partes dos assuntos tratados por meio de organizadores textuais (o primeiro, o segundo, a seguir, etc);
- usar expressões que explicitem quais são as informações principais e quais são as secundárias;
- introduzir exemplos;
- reformular idéias que não ficaram claras;
- indicar as vozes (os autores, por exemplo) que sustentam a apresentação do seminário;
- usar expressões que mostrem a adesão do grupo a algumas idéias e a discordância em relação às outras;
- passar a palavra para os outros integrantes do grupo;
- retomar as palavras de outros integrantes;
- abrir espaço para questionamentos do público;
- responder de modo polido as questões do público;
- saber encaminhar a questão quando não souber a resposta da questão do público;
- ensinar ao público como responder à saudação inicial, a fazer questões e a reagir frente aos agradecimentos finais.

Nos meios não-lingüísticos, é preciso trabalhar:

- meios paralingüísticos: qualidade da voz, melodia e ritmo;

- meios cinésicos: postura física em relação às transparências e aos colegas, movimentos de braços e pernas, gestos, olhares, mímicas faciais, visando a não distrair o público com movimentos excessivos, a usar a postura e os olhares de modo a interagir com todos e não somente com o professor;
- posição dos locutores: ocupação de lugares na frente da sala, de modo que os apresentadores fiquem à vontade, mas sem atrapalhar a imagem de especialistas;
- aspecto exterior: escolher roupas adequadas que não exijam que o apresentador tenha que ter mais preocupação com ela que com a sua própria apresentação;
- disposição dos lugares: verificar em que ordem os alunos ficarão na frente na da sala e como o público deve se portar.

Além da apresentação oral, há também a apresentação de slides / transparências sobre a qual é preciso também tratar das características da situação de produção, ou seja,

- que papel social assume o seu enunciador: especialista;
- para quem ele está escrevendo: para um público que desconhece ou conhece pouco o tema tratado;
- com que objetivo: auxiliar a apresentação oral que fará além de deixar mais explícitos e visíveis para o público os aspectos tratados;
- em que lugar social: na escola, logo é preciso estar muito atento à linguagem empregada.

Na organização textual, é importante discutir o que trará cada um dos slides.

Na universidade, é comum solicitar:

- 1º slide: título / tema da apresentação e nomes dos integrantes do grupo;

- 2º slide: roteiro da apresentação;
- 3º slide e seguintes: a apresentação dos tópicos tratados por cada integrante;
- Antepenúltimo slide: síntese da apresentação;
- Penúltimo slide: as conclusões do grupo;
- Último slide: as referências bibliográficas consultadas.

Na linguagem, os alunos precisarão estar atentos:

- ao emprego da norma culta;
- ao tamanho das letras;
- à cor das letras e do fundo para garantir à legibilidade;
- ao emprego de frases curtas, diretas, evitando colocar muito texto;
- a inserir exemplos de suas afirmações.

Contudo, a nossa análise também nos levou a perceber que tudo isso não bastaria para o sucesso de um seminário, já que não compreende a parte anterior que incluiria a preparação para o seminário. Nessa preparação, seria preciso ensinar os alunos a como organizar o seminário, ou seja, como:

- escolher o grupo do seminário;
- selecionar outros textos que complementem o fornecido pelo professor;
- ler esses textos e selecionar as informações relevantes para serem discutidas no seminário;
- organizar o tempo de modo que seja possível: discutir as leituras, montar as apresentações, treiná-las para verificar o tempo gasto e adequar ao tempo estipulado pelo professor;
- produzir os slides / transparências e fazer as correções de linguagem;
- testar os recursos audiovisuais necessários.

Dessa forma, notamos que é preciso rever a nossa concepção de trabalho com seminário e dividi-lo em duas etapas, sendo a primeira a preparação e a segunda a apresentação. Assim, a preparação diz respeito à organização do grupo, do tempo e distribuição das tarefas, pesquisa e leitura de textos, fichamentos, preparação da apresentação – elaboração do roteiro e dos slides/transparências, ensaio da apresentação e teste/treino com aparelhos audiovisuais. A segunda etapa refere-se ao seminário propriamente dito, em que, além de saber a linguagem adequada, o conteúdo a ser trabalhado e a ordem de apresentação, será preciso ter claro qual a aparência e postura física a ser adotada (roupas, mãos, olhares, tom da voz etc.) para que se consiga atingir a finalidade do seminário.

Feito esse levantamento das características que seriam ensinadas, montamos uma seqüência de atividades para ser trabalhada em quatro fases com alunos do primeiro semestre da turma de administração do ano de 2007 em uma universidade particular do interior de São Paulo: na primeira, houve uma discussão sobre o que é o seminário e a exposição oral na visão dos alunos e exercício de apresentação individual dos alunos sobre si mesmos e seus trabalhos com o objetivo de que verificássemos o nível de conhecimento que tinham sobre uma exposição oral; em seguida, apresentamos o que consideramos como um bom seminário. Na segunda, fizemos uma orientação sobre a primeira etapa do seminário e, na terceira, acompanhamento da preparação do seminário pelos alunos. Na quarta, houve a apresentação dos seminários. Como o objetivo era ensinar os alunos a trabalharem com o gênero seminário, deixamos que cada grupo escolhesse o seu tema de acordo com os próprios interesses; assim, assistimos a seminários sobre alimentação saudável, combustíveis e desenvolvimento sustentável, inclusão social, excesso de preocupação com a aparência, etc.

Considerações finais

A nossa análise sobre o gênero seminário nos permitiu perceber a complexidade desse gênero e a necessidade de que, antes de tomá-lo como instrumento de avaliação, devemos assumi-lo como objetivo de ensino, que, como vimos neste artigo, obriga-nos a trabalhar as suas duas fases: a preparação, anterior ao seminário, e a apresentação propriamente dita.

Ao agirmos dessa forma como nossos alunos na universidade em que lecionamos, constatamos que a frustração em relação aos resultados do seminário foi minimizada, já que a primeira produção de seminário no fim de nossa primeira oficina já era muito boa, se comparada às formas anteriormente vistas. Dessa forma, acreditamos que esse trabalho deva acontecer sempre que quiser trabalhar com esse gênero.

Além disso, a análise desse gênero oral e a posterior elaboração das oficinas, permitiu-nos concluir que, ao se ensinar um gênero textual, a preocupação não pode estar somente na produção específica dele, mas em todas as ações anteriores ou simultâneas a essa produção que nela podem interferir. Assim, ensinar um gênero textual não se resume a ensinar um texto oral ou escrito; vai além, já que se ensina e se aprende “novos” modos de agir.

Referências bibliográficas

- BRONCKART, Jean-Paul.(1999). **Atividade de linguagem, textos e discursos. Por um Interacionismo Sociodiscursivo.** Trad. de Anna Rachel Machado. São Paulo: EDUC.
- BRONCKART, J.-P. **Agir e discurso.** Campinas: Mercado de Letras, 2008.
- BUENO, L. & Abreu, Cláudia.(2008) Gêneros orais na universidade: relato de uma experiência com o seminário. **Synergies** Brésil. (no prelo)
- DOLZ, J. & SCHNEUWLY, B. (1998). **Pour un enseignement de l’oral: initiation aux genres formels à l’école.** Paris. ESF.
- DOLZ, J., SCHNEUWLY, B. & DE PIETRO, J.F. (2004). “Relato da elaboração de uma seqüência: o debate público”. In: Schneuwly, B. & Dolz, J. **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- MACHADO, A . R. (2002). “Os textos de alunos como índices para avaliação das capacidades de linguagem”. In: **Seminário e Práticas de Análise**, ANAIS do III Colóquio Franco-brasileiro de Análise do Discurso, BH: UFMG
- SCHNEUWLY, B. & DOLZ, J. (2004). **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas: Mercado de Letras.